

Luxo é ser sustentável: conheça as joalherias que criam peças com ouro e prata reciclados e diamantes feitos em laboratório

MAISA INFANTE - 2 AGO 2022



Luna Nigro (à esq.) e Júlia Blini, fundadoras da Gaem (foto: divulgação).

O mercado de joalherias é dependente de recursos naturais. Ouro, prata e pedras são extraídos da natureza por meio da mineração, e os impactos dessa atividade não são pequenos: vão desde questões ambientais, como desmatamento, contaminação de solo e água, até questões sociais, como trabalho escravo e ocupação de terras indígenas.

Essas questões começam a pautar algumas mudanças no setor, como o reúso de metais. Ouro e prata, por exemplo, podem ser extraídos de materiais do dia a dia, como lixo eletrônico, fivela de cinto, exames de raio-x, dentre outros. E já existem empresas que fazem isso, inclusive aqui no Brasil. “Temos bastante metal disponível e não há necessidade de extrair mais”, diz a joalheira Karina Olsen.

De forma geral, o ouro e a prata são extraídos desses materiais em processos químicos e, depois, levados para a purificação. Como o ouro e a prata puros (ouro 999 e prata 1000) são muito moles, os joalheiros aplicam as ligas metálicas como cobre e paládio de acordo com a sua necessidade. Os mais usados no mercado nacional são o ouro 18 quilates, que leva 75% de ouro e 25% de outras ligas, e a prata 950, que tem 95% de prata pura e 5% de outros metais.

Além do reúso, outra forma de levar sustentabilidade à joalheria é o uso de metais certificados. Existem diversas certificadoras no mundo que atestam que aquele material veio de garimpos legais, que respeitam leis ambientais e trabalhistas.

Muitas marcas pequenas e artesanais já nascem com esse propósito. Mas algumas grandes redes também estão olhando para isso e começam a fazer mudanças. A Tiffany & Co, por exemplo, compartilha com os clientes a proveniência dos diamantes e não adquire pedras com procedência desconhecida, mesmo com a garantia de compras responsáveis. A Swarovski lançou, junto com a atriz Penélope Cruz, uma coleção que usa rubis, safiras e diamantes feitos em laboratório, além de ouro proveniente de comércio justo.

“As mudanças em grandes empresas são importantes porque influenciam o mercado a ter uma cadeia de fornecedores preocupados com isso”, diz a joalheira Débora Maltz Goldenfum.

Como quase tudo na sustentabilidade, o caminho é longo e tem desafios. Os custos de produção de joias sustentáveis são mais altos e nem sempre é possível aplicar esse valor no preço final. Assim, as margens de lucro acabam sendo menores. Tem ainda a conscientização do consumidor para que entenda e aceite esses novos produtos.

A seguir, conheça quatro negócios nacionais que já estão focados na joalheria sustentável.

A GAEM PÕE A SUSTENTABILIDADE EM PRÁTICA COM JÓIAS FEITAS COM OURO RECICLADO E DIAMANTES DE LABORATÓRIO

gaem

Foi em 2020 que Luna Nigro e Júlia Blini resolveram empreender na área de joalheria tendo a sustentabilidade como pilar principal. Para isso, optaram por trabalhar com ouro certificado e reciclado, além de diamantes de laboratório, os chamados *Lab Grow Diamonds*.

Também foram em busca do certificado de [empresa B](#), que conseguiram em dezembro de 2021 na categoria Certificada Pendente, já que o negócio ainda não tinha um ano de existência.

“A [Gaem](#) veio para ser transparente”, diz Júlia, que trabalhou nas marcas de calçados Jimmy Choo, em Londres, e Alexandre Birman. Também teve sua própria joalheria, que levava o seu nome.

“Tive uma marca de jóias durante sete anos, mas havia uma incoerência entre os meus valores da vida pessoal e o que eu via que era possível aplicar desses valores no trabalho”

Foi justamente no propósito e na vontade de fazer algo com impacto positivo que ela e Luna, que vem da área de styling, edição e consultoria de moda, se encontraram.

A Gaem foi lançada em agosto de 2021 e trabalha com ouro certificado pela [Responsible Minerals Initiative](#), que atesta que as práticas utilizadas pelos garimpos estão de acordo com as leis ambientais, direitos humanos e trabalhistas, e também com ouro reciclado, certificado pelo fornecedor por meio do [blockchain](#). A meta, segundo as empreendedoras, é chegar em 100% de ouro reciclado.

“Essa é a nossa meta desde o começo, mas não conseguimos começar pelo reciclado porque não achávamos um material que estivesse de acordo com os nossos valores”, conta Júlia.

Hoje, a marca já consegue trabalhar com 50% de cada material. Outro diferencial da Gaem é o uso de diamantes de laboratório, tecnologia que existe desde a década de 1950, mas sempre foi mais utilizada para a produção de brocas e materiais cirúrgicos.



Com a evolução tecnológica, os laboratórios conseguiram chegar em um diamante

com as mesmas

propriedades físicas,

químicas e ópticas do diamante natural, com a vantagem de não ser extraído da natureza e não carregar os impactos ambientais da mineração e nem as marcas sociais daqueles que são extraídos em zonas de conflito e fazem uso de trabalho escravo (os chamados “diamantes de sangue”).

Aneis da Gaem (foto: divulgação).

A produção em laboratório começa com uma semente de carbono colocada em um reator. Em um período de 7 a 9 semanas obtém-se um diamante bruto que, assim como o natural, é 100% carbono e tem o mesmo índice de dureza na escala Mohs: 10.

“Um gemologista com uma lupa não sabe ver as diferenças porque são as mesmas propriedades. Só é possível identificar usando um maquinário específico”

Embora seja tão valioso quanto o diamante natural, ainda existe o desafio de comunicar isso ao consumidor. O que tem ajudado é o fato de grandes marcas já estarem aderindo aos diamantes de laboratório. A [De Beers](#), mineradora e joalheria inglesa, por exemplo, lançou uma linha feita com diamantes de laboratório.

“No começo, o mercado fez muito lobby contra. Hoje em dia, as marcas já olham para isso”, diz Luna. “No nosso entender, é um produto idêntico, porém tem menos intermediário, então tem um preço muito competitivo.”